



## Entrevista

# JORGE KANEHIDE IJUIM: SOBRE O JORNALISMO HUMANIZADO

**Suzana Rozendo Bortoli <sup>1</sup>**

Jorge Kanehide Ijuim é graduado em Comunicação Social pela Fundação Educacional de Bauru (atual Unesp) (1978), mestre em Ciências da Comunicação/Jornalismo pela Universidade de São Paulo (1994), doutor em Ciências da Comunicação/Jornalismo pela Universidade de São Paulo (2002) e pós-doutor pela Universidade de Coimbra (2013).

Durante sua carreira acadêmica, dedicou-se não apenas à pesquisa sobre jornalismo humanizado, mas também ao *Jornal Escolar*, *Jornalismo e Educação*, *o Real e o Poético* nas narrativas jornalísticas, dentre outros assuntos. Atualmente, estuda a construção de narrativas e as relações entre o pensamento moderno e os modelos jornalísticos. É autor do livro *Jornal escolar e vivências humanas: Um roteiro de*

---

<sup>1</sup> Jornalista, Mestre em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina e doutoranda em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. E-mai: [suzanarozendo@usp.br](mailto:suzanarozendo@usp.br)

*viagem* (editado, pela primeira vez em Campo Grande, em 2005; e pela segunda vez em Covilhã/Portugal, em 2013).

De 1994 a 2008, Ijuim lecionou no curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, onde tive o privilégio de ter sido sua aluna. Natural de Bauru/SP, apesar de ter vivido em várias capitais, não perdeu o jeito simples interiorano. Corinthiano fanático, piadista, “pescador” nas horas vagas, pai de três filhos (os gêmeos Alexandre e Filipe, e Vitória), o professor não esconde a admiração que sente por sua esposa Jaqueline, a quem carinhosamente chama de “Jaquinha”. Com os estudantes de graduação e de pós-graduação tem uma relação de proximidade, tanto que sua marca registrada é o cumprimento estilo *High Five*.

Nesta entrevista, o atual professor nos cursos de graduação e pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), conta o que compreende por jornalismo humanizado, explica quando e como surgiu o interesse em pesquisar o tema e revela quais são suas principais referências de estudo.

Aos 60 anos, 35 deles dedicados à docência, Ijuim acredita que as brechas de um jornalismo melhor surgem em meios alternativos e deixa um recado aos novos acadêmicos: “não deixem que a ‘domesticação’ das salas de redação tirem o brilho de seus olhos. Não percam a capacidade de sonhar”.

Boa leitura a todos!

## **REVISTA ALTERJOR: Como e quando surgiu o seu interesse em pesquisar a humanização no jornalismo?**

**JORGE K. IJUIM:** Desde o início de minha vida acadêmica, nos anos 1980, percebi a importância do tema. Encontrei em Cremilda Medina inspiração e algumas ideias que me ajudaram a ter um ponto de partida. Sua obra, em suas várias fases, mesmo sem nomear uma única vez desta forma [literal], a humanização perpassa cada um de seus ensinamentos. Isto por conta de uma visão de mundo. Sua formação marxista (dimensão teórica e política), sua disposição ao diálogo com as artes (o sensível, a estética) e sua

postura aberta à diversificação de saberes (epistemológica), lhe proporcionam um posicionamento comprometido diante do mundo que nos faz compreender que o Jornalismo só tem sentido se envolver um compromisso diante da sociedade – um compromisso diante da vida. Sem qualquer constrangimento, portanto, digo que persigo os passos de Cremilda Medina. Busco inspiração em sua trajetória, como intelectual lúcida e como pessoa séria e afetuosa que é.

Por todos esses anos tenho procurado avançar e amadurecer minhas noções sobre o tema. Minhas reflexões vão desde o Humanismo clássico, no sentido de “dar um voto de confiança do homem”, passando pelas suas várias interpretações, como o humanismo marxista e o humanismo universalista, do argentino Mario Rodríguez Cobos (Silo). Este último, por sinal, é pouco conhecido no meio acadêmico e, por isso mesmo, muitas vezes não lhe é dado o devido respeito. Pode-se encontrar uma boa síntese num livro do italiano Salvatore Puledda<sup>1</sup>.

Daí foi inevitável examinar a questão dos direitos humanos e sobre a construção da cidadania. Mais recentemente, o pensamento de Boaventura de Sousa Santos de sido de vital importância nessa busca. Mas sinto que ainda não tenha uma versão acabada sobre o assunto.

## REVISTA ALTERJOR: Qual a origem do termo “Jornalismo Humanizado”?

**JORGE K. IJUIM:** Há várias referências que fazem alusão a esta noção, como humanização do relato, da notícia, textos humanizados, etc. Poucos se expressam exatamente dessa maneira – jornalismo humanizado. Como já mencionei, a própria Cremilda não recorre a esses termos. Tenho utilizado esta forma expressiva provavelmente desde os anos 1990 quando cursava mestrado na ECA/USP. Comprei a ideia e comecei a tentar entender as possibilidades de “como” e dos “porquês”. Creio que passei a usar a expressão definitivamente no doutorado, quando investigava as possíveis contribuições do Jornalismo para o processo de humanização do meio escolar. E ali surgiu um “nó” e uma “luz”. Que jornalismo poderia contribuir para o processo de humanização na educação? Os modelos jornalísticos tradicionais vigentes? Seria levar

um jornal de grande circulação para a sala de aula e, simplesmente, reproduzir esse modelo junto com os alunos? Não! Para a humanização na educação há que se buscar um jornalismo humanizado.

Recorro à expressão [humanização] assumindo riscos de questionamentos. Há muitos pesquisadores e profissionais que criticam os rótulos. Seria este mais um rótulo como jornalismo especializado, jornalismo investigativo, jornalismo literário? Não entendo dessa forma, pois defendo uma ideia, uma noção de jornalismo.

Os modelos jornalísticos ainda hoje em prática foram esboçados no século XIX, na carreira do pensamento positivista. As circunstâncias favoreceram e exigiram de uma imprensa crescente a rapidez e o maior volume de informações. Com isso, perdeu-se a força das boas narrativas, como já nos alertou Benjamin<sup>2</sup>. Claro que as considerações de Benjamin não se restringiam à questão da forma, mas especialmente da perda de experiência – do narrado e do narrador. Há muitos outros aspectos desses modelos da modernidade que conduzem a uma padronização cega e, por que não, à desumanização do jornalismo. Defendo um jornalismo em que o ser humano seja o ponto de partida e o ponto de chegada.

**REVISTA ALTERJOR: Qual a sua opinião sobre isso: A jornalista Eliane Brum é conhecida pela sensibilidade em descreve, nas narrativas jornalísticas, as populações marginalizadas, que, muitas vezes, são apresentadas de forma estereotipada na grande mídia. Por isso, muitos pesquisadores acreditam que ela faça jornalismo humanizado. No entanto, a própria autora, na apresentação de sua última obra (“A menina quebrada”, 2013) mostra-se aflita quando perguntam em entrevistas se o que ela faz são “matérias humanas”. Ela responde desse modo: “Eu escrevo sobre gente, mas quem não escreve sobre gente? [...] Seria possível alguém fazer ‘matérias inumanas?’” (BRUM, 2013, p.13-14).**

**JORGE K. IJUIM:** Tive a oportunidade de conversar com Eliane algumas vezes e entendo seu posicionamento. Creio que ela seja uma das que evitam a expressão humanização por conta das críticas daqueles que questionam os rótulos. A rigor, sim,

todos os jornalistas deveriam “escrever sobre gente” e não fazer “matérias inumanas”. Mas, há quem faça matérias inumadas ou, no mínimo, desumanizadoras. E é fácil notar no dia a dia da imprensa reportagens carregadas de preconceitos, de estigmas, que descaracterizam e desqualificam as pessoas. Não é difícil constatar matérias que é muito mais “mundo-cão” que humanização.

Foi importante lembrar o trabalho da Eliane. Ela tem sido uma boa referência em meus estudos. É interessante verificar como ela trata as pautas – pelo avesso, pelo lado dos que normalmente não têm direito à voz. É impressionante como ela respeita o tema, os entrevistados, sem prejulgamentos. Isso dá um toque especial, de esclarecimento e adquire o que chamo de caráter emancipatório.

### **REVISTA ALTERJOR: Para quem não está familiarizado com o termo, qual a sua definição de “Jornalismo Humanizado”?**

**JORGE K. IJUIM:** Para começar, vejo o jornalismo como meio de construção de narrativas – histórias cujo enredo apresentem uma transformação dos personagens e da situação (Culler<sup>3</sup>), como também se percebe, além da informação, a experiência vivida pelo narrado e pelo narrador (Benjamin).

Para um jornalismo humanizado, como suponho, que este fazer começa antes da pauta, na consciência do *ser jornalista*. No trabalho de apuração, o repórter não se relaciona com um *objeto*, mas com *outros seres humanos* envolvidos no processo comunicativo. Dessa forma, sua busca envolve a compreensão das ações dos sujeitos da comunicação – é a expressão dos sentidos da consciência – dos seus entrevistados e da sua própria consciência. Na procura da *essência* dos fenômenos, atribui-lhe *significados*, os *sentidos*, para proporcionar ao público, mais que a explicação, a *compreensão* das ações humanas. Em sua relação com o mundo, o jornalista esvazia-se de preconceitos de modo a captar, ver e enxergar, ouvir e escutar, questionar e sentir.

Munido de uma racionalidade criativa e da emoção solidária, assume a postura de curiosidade e descoberta, de humildade para sentir as *dores do mundo* (Dines<sup>4</sup>), de empatia, de *solidariedade às dores universais* (Medina<sup>5</sup>). Como consequência, sua

narrativa será a organização do que está disperso, com as ligações do que está desconexo, rica em contexto que possa esclarecer, proporcionar compreensão. Assim, seu trabalho respeita as diferenças de qualquer natureza e se isenta de prejulgamentos, de preconceitos e estereótipos. Sua narrativa adquire caráter emancipatório, pois, de forma humanizada, seu ato é humanizador.

**REVISTA ALTERJOR: Qual a diferença entre Jornalismo humanizado e humanização da notícia?**

**JORGE K. IJUIM:** Sobre a humanização da notícia, me deparei nesse percurso todo com algumas visões nesse sentido. Uma das principais é defendida pelo grupo que estuda e defende o jornalismo literário, especialmente a Academia Brasileira de Jornalismo Literário, destacando-se Edvaldo Pereira Lima, Sérgio Vilas Boas, etc. É interessante, mas no meu entender limitador. Valorização de personagens é um bom ponto de partida, mas é preciso mais que isso. Nessa caminhada encontrei muitas reportagens bem escritas, que destacam personagens, mas descaracterizam o humano desses personagens. Há uma onda nos meios televisivos e nos portais noticiosos da internet o que vêm chamando de humanização da notícia. Pelos resultados de pesquisas e pelos contadores de acesso, constataram que as matérias com maior audiência são aquelas em que se dá nome, idade, entre outras características do entrevistado. Mas não importa o que e como. É um grande equívoco, não é suficiente para humanizar se a notícia é toda estereotipada, preconceituosa.

O IBGE divulga anualmente os resultados do PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. Um dos itens, por exemplo, é a evolução do mercado de trabalho. Os números importam, sim, mas não é tudo. Quem conseguiu emprego no último período? Como? O que faz? Portanto, trata-se de ir além dos números, mostrar quem são as pessoas, como vivem, mas também suas aspirações, tudo sem estigmas, sem perguntas óbvias para respostas previsíveis.

**REVISTA ALTERJOR: No livro “Jornalismo, ética e liberdade” (2014), o professor da Universidade Federal de Santa Catarina, Francisco Karam, afirma que a crise ética no jornalismo está refletida nos baixos salários que submetem os jornalistas a uma vida na qual é cada vez mais difícil o trabalho competente e na quantidade de**

**pautas a serem transformadas em matérias, diariamente, o que compromete a qualidade informativa. É possível fazer jornalismo humanizado mesmo com as rotinas aceleradas de produção da notícia nos grandes meios de comunicação?**

**JORGE K. IJUIM:** Esta é uma questão muito oportuna. Tenho estudado, nos últimos anos, os modelos jornalísticos com vistas às influências do pensamento moderno. Também venho constatando que nas últimas décadas, com a modernização das empresas jornalísticas, as salas de redação se transformaram absurdamente. O que se imaginava para as novas tecnologias em apoio ao jornalista não vem acontecendo de maneira a favorecer um melhor jornalismo. Sim, o enxugamento das equipes de redação, a exigência pela rapidez e a sobrecarga de trabalho tem alterado essas rotinas. A “desumanização” do ambiente de trabalho vinha sendo uma de minhas preocupações há algum tempo. Há pouco tempo, aceitei uma candidata ao doutorado da UFSC disposta a estudar exatamente esse assunto. Claro que ainda é cedo para falar alguma coisa sobre suas constatações, mas creio que um dos aspectos que merecem atenção esteja no fato de que não seja só um problema quanto aos modelos jornalísticos adotados pela imprensa, mas nos modos de produção num sentido mais macro. A crueldade do modo de produção capitalista não tem deixado muitas brechas para que possamos ter esperanças num jornalismo melhor. As brechas estão surgindo por meios alternativos e é ali visto algumas boas alternativas.

**REVISTA ALTERJOR: O senhor poderia citar outros exemplos de jornalistas dos grandes meios de comunicação e dos meios alternativos que fazem jornalismo humanizado atualmente?**

**JORGE K. IJUIM:** Além da Eliane Brum, vale destacar Neide Duarte, na Globo. Suas reportagens também são diferenciadas não só pela visão particular sobre as pautas como no tratamento sempre comprometido com o interesse social. Em Porto Alegre, posso citar Nilson Mariano, um experiente jornalista que tenho notado um eterno defensor da boa reportagem. Além disso, me pareceu um profissional ético, comprometido.

É interessante ressaltar que muitos profissionais têm buscado espaço em jornais internacionais que publicam uma versão em português, com é o caso de El País e Le Monde. Tenho encontrado boas reportagens ali.

Mas creio que o maior espaço que se abre para um bom jornalismo comprometido está nos meios alternativos. Há pouco tempo produzi um trabalho que foi apresentado no congresso da Ibercom, em abril de 2015, na USP. Ali eu parti de uma pergunta: Por que no Brasil há tantos espaços virtuais de organizações dedicados à defesa de minorias? No texto descrevo algumas dessas organizações, grande parte que representa movimentos sociais que têm realizado um trabalho árduo e fundamental em prol dos direitos humanos, das minorias marginalizadas. Por quê? Porque a grande imprensa deixa muitas lacunas que só são preenchidas por esses portais e blogs. Uma delas é a Andi, que já teve papel relevante na orientação e cobrança da imprensa com relação à criança e ao adolescente. Nos últimos anos ela ampliou suas preocupações e tem atuado de forma persistente na questão dos direitos humanos de maneira geral. Reafirmo que deposito muitas esperanças nos meios alternativos para um bom jornalismo.

**REVISTA ALTERJOR: Quais conselhos o senhor poderia dar para os futuros jornalistas que pretendem seguir a linha das narrativas jornalísticas humanizadas?**

**JORGE K. IJUIM:** Sim, os futuros jornalistas logicamente também são minhas esperanças. Porque aqueles que já estão há tempos na grande imprensa eu já desisti – não perco mais tempo com eles. Creio que dominar as técnicas jornalísticas seja imprescindível ao profissional. Mas os modelos e essas técnicas não podem ser encarados de forma acrítica. Por quê? Por quê? Por quê? O espírito questionador do jornalista não pode se restringir aos dados, aos entrevistados. Mas o questionamento deve ser ainda maior sobre “o que estou fazendo, como estou fazendo, por que estou fazendo” dessa ou daquela forma. É uma questão de compromisso – com a sociedade. Nesse sentido, eu gostaria de recomendar um texto de Paulo Freire. Originalmente escrito visando o campo da Pedagogia, observo que este é adequado a qualquer profissão. Trata-se de “O compromisso do profissional com a sociedade”. Está



publicado como um dos capítulos de seu livro “Educação e mudança”<sup>6</sup>. Aos futuros jornalistas, quero lhes pedir que não deixem a “domesticação” das salas de redação tirem o brilho de seus olhos. Não percam a capacidade de sonhar.

## Referências

- BRUM, Eliane. **A menina quebrada**. Porto Alegre: Arquipélago editorial, 2013.
- KARAM, Francisco José Castilho. **Jornalismo, ética e liberdade**. 4ª ed. São Paulo: Summus, 2014.

---

## Notas

- <sup>1</sup>PULEDDA, Salvatore. **Interpretaciones del Humanismo**. Mexico/DF: Plaza y Valdes, 1996.
- <sup>2</sup> BENJAMIN, Walter. **O narrador**: Reflexões sobre a obra de Nicolai Lesskov. Relógio D'Água Editores, 1992.
- <sup>3</sup> CULLER, Jonathan. **Teoria literária**: Uma introdução. São Paulo: Beca, 1999.
- <sup>4</sup> DINES, Alberto. **O papel do jornal**. 9ª ed. São Paulo: Summus, 2009.
- <sup>5</sup> MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente**: Narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.
- <sup>6</sup> FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 10ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.